

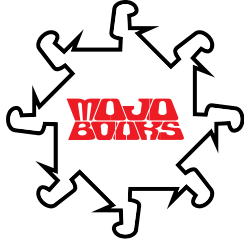


recontado por
CARLA MENDES
pitty ANACRÔNICO

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

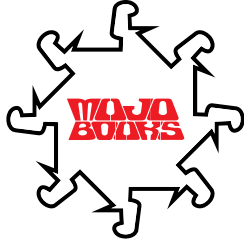
Danilo Corci
organizador



VOLUME 42

ANACRÔNICO
pitty

recontado por **CARLA MENDES**



VOLUME 42

ANACRÔNICO
pitty

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Setembro de 2007

“Estou aqui não sei bem há quanto tempo, porém me lembro que desde que tive consciência deste lugar, apenas ouço barulhos estranhos. Algo está prestes a estourar, ou a se partir — tambores, pratos, pessoas discutem. Enquanto isso, não vejo nada, não sei se por não poder enxergar ou por estar tudo preto. No entanto, me sinto muito bem.”

* * *

Na verdade, acho que era isso que eu pensava quando estava na barriga da minha mãe. Talvez discutissem o erro de eu estar ali. Hoje é meu aniversário de cinco anos, todos cantam, tudo está colorido, balões, me colocaram fitas vermelhas, mas não me sinto nada bem. “Que bonequinha!” Essa foi minha tia, mais preocupada com o que os outros pensam dela do que com ela mesma. Os presentes que ganhei? Não gosto de nenhum, afinal, bonequinhas de cabelo rosa não me fazem pensar. Vejo estátuas e marionetes, não amigos ou parentes.



* * *

Estranho, não? Mas isso foi há treze anos. Desde essa época fui me isolando cada vez mais, parecia que não era deste mundo. Na escola, sempre a monstrinho da sala. Minha melhor amiga, Maria, uma negra de olhos imensos e uma grande vontade de viver, era tratada mal pois não era lá o perfil de que todos gostavam.

— Pôxa, Saskia, a aula de hoje foi boa, não? As bruxas da Idade Média bem que mereceram ser punidas na fogueira mesmo e é bem feito também o que fizeram com os Templários.

— É, não sei ao certo, deve ser. — Estou ali, mas nem sei se fui eu quem disse isso, apesar do tumulto em minha mente, termino por concordar com a maioria das pessoas, e não exponho nada em palavras por medo de que me descubram. Quem sabe medo de mim mesma?

Acho que ninguém deveria falar nada a respeito de personagens que fizeram algo, nenhum dos que escreveram os livros de História estava lá pra saber o que se passava na cabeça deles, não sabiam seus motivos, suas razões. Às vezes me perco nos livros tentando achar uma verdade imutável pra me situar, mas



minha mente não deixa. É impossível acreditar em algo, todos deixam um pouco de si no que eternizam. Querem julgar até o passado enquanto não sabem o que fazer com o próprio agora. Não posso acreditar nos livros. Estou errada. Dessa forma, sei que não posso viver. Vou ler dicionários, esses ao menos mostram apenas a definição.

* * *

Meus pais saíram, foram numa reunião de empresários. Insistiram pra que eu fosse junto, muito bem vestida (quer dizer, disfarçada) pra mostrar a família que têm, é claro. Lógico que não fui, prefiro ficar ouvindo as minhas palavras ou pensando, ao menos tenho certeza de que existem e são verdadeiras. Se não queriam que eu nascesse por que me ofereceram tudo o que podiam e deram tanto carinho? Não entendo nada. Ao mesmo tempo me tratam com indiferença, pelos seus e meus atos e erros. Mesmo se me amassem, não sentiria vontade de ter bem algum, nada é capaz de preencher o vazio que sinto, pois eu sou este vazio.

O telefone toca, é a Maria chamando pra ir numa festa qualquer. Falei que não queria ir de maneira alguma, mas ela acabou





me convencendo. Vestido longo preto, meias roxas, tênis sujo, o cabelo me esconde parte da face, só o necessário pra enxergar, e assim vou. A Maria? Está parecendo mais com alguém que irá receber um prêmio, no entanto é a única que me aceita. Que direito eu tenho de criticá-la? Tenho um pouco de medo de andar na rua. Ainda bem que é noite, a menor parte da sociedade irá me ver. No caminho, passamos na Igreja, e, porque a missa já acabou, resolvo entrar. Este é um dos poucos lugares onde encontro certa paz comigo mesma, mas apenas quando estou sozinha. Engraçado, um menino a uns três bancos a minha frente, de cabelos bagunçados, chora muito enquanto reza. Saí de lá mais intrigada do que havia entrado.

Que vontade repentina de falar com ele, saber de sua dor, de sua vida e suas aspirações. Mas como, se passei a vida toda a ignorar os outros? Algo em sua alma me atrai.

Chegamos à festa. Apenas mais uma dessas com garotinhos e meninas narcisistas ansiosos por adoração. Dançam uma coisa que os hipnotizam, preferem ser assim.

— Maria, não consigo mais ficar aqui, tenho de sair. Tudo bem se estiver gostando, mas vou te esperar lá fora, certo?

— A desconcertada do mal já vai. Meu, essa garota não é certa. Não sei o que faz aqui. Existem pessoas que não se enxergam.

Isso foi mais uma falácia da tal senhora perfeita do mundo dos adolescentes. Desde pequena, ela nunca gostou de mim – talvez por eu ter destruído algumas de suas preciosidades, brinquedinhos chatos. Não era por mal, apenas os pegava pra fazer arte, que eram sempre descobertas.

Lá fora, me deparo com o garoto da igreja. Estava sentado num banco, com uma camiseta de propaganda, uma bermuda rasgada e, por cima de tudo, usava, não sei como, uma capa preta, empoeirada. Em sua mão, um violino com a madeira parecendo o piso da casa da minha avó. Ele tocava uma ópera triste pra ganhar uns trocados. Poucos o escutavam, é claro, ninguém gostava de ouvir ópera — “coisa do passado! Nunca ouça uma! Fora dos padrões!” — quanto mais pagar por isso. Aquela cena me passou muitas coisas. A vontade de falar com ele apareceu de novo, e desta vez eu fui:

— Música triste e bonita. Nunca ouvi, apesar de me identificar com coisas parecidas — soltei, engolindo centenas de palavras.

— É que eu a escrevi e fiz essa melodia. Hoje a vi na Igreja. Por que esconde seu rosto?

— Meu modo de ser... — disse a ele com pouca convicção. Parte era verdade, contudo o mais certo seria dizer que meu comportamento era por raiva de estar em um mundo do qual



não fazia parte, em todos os sentidos. Decepção por gostar do que gostava.

— Sei que é assim, mas há um motivo pra isso. Nada acontece ou é por acaso. Vou te mostrar minhas composições. Elas, por exemplo, me retratam.

Aquele garoto mostrava que sabia muito sobre mim, mas como? Falou como se me conhecesse muito bem. Passei a vida toda esperando por algo assim, entretanto, agora, não queria que alguém me conhecesse desse modo tão sincero. Depois começamos uma longa conversa que foi noite adentro. Carlos, assim se chamava, me contou histórias diversas sobre cavaleiros, templários, bruxas, guerras, porém todas eram proferidas da maneira que ele queria que tivessem acontecido.

Falava de fantasias como se essas tivessem um motivo, apesar de eu não confiar em suas versões. Não era mais um daqueles com os quais eu convivia. Disse que estava ali porque precisava ajudar sua família. Todas as noites saía tocando suas canções. De fato, fazia aquilo por prazer e não só pelo dinheiro. Recompensas maiores chegariam. Eu conseguia ver seus sentimentos em cada nota. Ele não tinha medo de se mostrar, coisa que passei a vida inteira a fazer.

Ali confrontava meu oposto e, ao mesmo tempo, comparti-




lhava aspirações com alguém tão parecido que, como eu, queria apenas viver. Os primeiros raios de sol chegavam e decidimos partir. Ao vê-lo se levantar, senti vontade de poder voar pra bem longe dali e não mais voltar. No caminho de volta, uma sensação de que tudo o que eu vivera já tinha acontecido e que iria acontecer novamente tomava conta de mim. A todo momento sentia isso - que tudo se repetiria -, me desesperava por não poder fazer algo diferente. Estava tão presa a essa verdade que não conseguia me libertar pra vida. Acredito que a maioria das pessoas sente isso e simplesmente deixa passar esse momento, esquece, se preocupa apenas com seus momentos de glória.

Entrei em casa, pai e mãe, os “criadores”, dormindo. Pensaram que seria fácil montar um quadro pra exposições e vendas, mas não é bem assim, até as pinturas possuem expressão e muitas são imperfeitas. Preciso buscar um meio de me construir, de ter valores que tenham significado pra mim. Esse moço me fez ver uma forma de me encontrar e pular os muros que me prendiam. Nesse momento resolvi que tinha de fazer algo da minha vida, comecei a estudar Filosofia e Psicologia para tentar entender minha mente e a dos outros.

Todas as noites eu saía com Carlos em seus “concertos”, cada dia andávamos num local diferente. Presenciava comportamen-





tos e formas diferentes de lidar com a vida. Enquanto ele ficava tocando, eu imaginava histórias sem sentido e ia escrevendo. Em alguns momentos, percebia que minha vida fazia algum sentido através daquela amizade. Ali era onde me expressava. Meus momentos de maior alegria — não sei dizer bem os sentimentos — tenho certeza que foram aqueles. Conte pra ele sobre minha admiração por instrumentos clássicos, mas que nunca tinha tentado aprender a tocar nada. Já tinha sido forçada a aprender flauta, porém nunca ansiei por saber nada.

— Então você vai aprender já. Tocarei com você um dia. Até lá, seguiremos cada um de um jeito pra nos encontrarmos — proferiu essas palavras, com ênfase.


“Não sei se vou fazer isso.” Foi a única coisa que consegui pensar. Depois de um mês de ponderação, estava eu numa escola de música, mas não suportei todos aqueles impositores querendo me ensinar o que não queria aprender, saí no mesmo dia e nunca mais voltei. Só que já tinha até ganho o instrumento de meu pai. Era pequeno e pintei-o de preto e vermelho. Toda vez que olhava para ele, sentia medo e passava horas riscando sua madeira. Sabia que nunca iria conseguir fazer nada, tinha vergonha do meu amigo Carlos por minhas franquezas. Tranquei-me em mim de novo e passei a tentar aprender sozinha, já que nunca poderia conviver

naquele mundo. Enquanto isso, decidi não sair mais nenhum dia às calçadas até que soubesse manipular aquela coisa.

Certa noite, toquei minha primeira música sem pausas. Estava pronta pra ir falar com Carlos novamente. Saí no meio da noite e fui procurá-lo. Estava lá da mesma maneira, intacto, com o mesmo olhar e melodias. Falei pra ele que estava preparada e que iríamos tocar nossas histórias curiosas de inúmeras noites de conversa. Ele disse “sim” e que já esperava por minha atitude. Maria nos deixou ensaiar na sua casa, que tinha espaço suficiente. Na verdade, espaço vazio era o que não faltava onde ela morava, sem muros ou portões. Sua avó já nem ligava pra barulho.

Tínhamos várias músicas prontas, tocávamos também alguns pesos de forma orquestrada. Com o tempo, as pessoas foram descobrindo as “músicas do terreno abandonado”. A mãe de Carlos estava recebendo ajuda de parentes, o que facilitou bastante nossos ensaios. Agora tocávamos em alguns encontros *undergrounds*, mas de maneira, digamos, “informal”, apenas do lado de fora. As pessoas que curtiam um som mais diferente se aproximavam, nos assistiam. Não estavam presentes apenas fisicamente, mas acima de tudo em espírito. Formávamos um círculo que mais parecia uma espécie de ritual pra ouvir músicas de que gostávamos em versões clássicas.





Era estranho ver o que estávamos fazendo, o que era pra ser apenas uma forma de ocupação passou a ter um sentido pra cada um dos que estavam ali. De repente, começaram a se comunicar expondo vontade de viver as músicas com a gente. Do nada surgiram bateristas, baixistas, guitarristas, dizendo que tocavam flauta, violoncelo, clarinete e até mesmo trompete. Percebi que, na verdade, não era que eu não tinha um mundo, apenas ainda não o tinha descoberto. Tocamos com todos e a sonoridade foi muito boa. No final, éramos sete pessoas.

Passei a ficar menos tempo em casa. Meus pais se decepcionavam cada vez mais, mas pra mim, era muito importante ver como um ser indiferente como eu estava, de certa forma, contribuindo com algo. O porquê de estarmos aqui eu ainda não havia encontrado — e nunca encontrarei —, só sei que foram apenas as simples palavras de um menino que me fizeram descobrir que se estamos vivos, temos de acreditar em algo, mesmo acreditando que isso é impossível.

Aos poucos nos tornamos mais respeitados, tocamos em vários lugares. Certa vez, ao fim de uma apresentação, uma garotinha se aproximou e me entregou uma folha escrita. As palavras diziam:

[...] trabalhávamos muito, reuniões todos os dias. À noite nos entregávamos aos prazeres da vida. Ensaios com a banda, festas ao som de Kim Gordon e companhia. Momentos sem regras e temor. Acho que foi esse nosso erro, não escutarmos a experiência. Enquanto isso, em meu ventre, uma criatura começou a ter os primeiros sentidos da vida. Não te criamos num ambiente saudável. Pensava que você não podia sentir o que fazíamos. Entretanto ter você foi o que colocou juízo em mim e no seu pai. Nos tornamos outras pessoas pra fazer de você outra pessoa que não fosse como tínhamos sido. Mas o que vemos hoje não é isso[...]

Não pude ler mais linha alguma, apenas cai aos prantos, enquanto via um senhor e uma senhora, no público, entregando dinheiro para aquela garota. Após isso mais nada pude ver.

FIM



SOBRE A CANTORA

Nascida em Salvador, Priscilla Novaes Leone, mais conhecida como Pitty, foi criada em Porto Seguro, também na Bahia. Fã confessa de *rock* desde pequena, Pitty cresceu em meio ao cenário de bandas baianas independentes, com as quais participou de rodas de show's em um bar de Salvador. Um dia, entrou na roda cantando "Smells Like Teen Spirit" da banda Nirvana e desde então decidiu investir na área musical, com o apoio do grande nome do cenário *underground* Rogério Big Brother. Fez, ainda, parte de formações de bandas como a Banda Shes e a Banda Inkoma. Aluna da Faculdade de Música da Universidade Federal da Bahia, Pitty foi procurada pelo produtor musical Rafael Ramos e, em 2003, lançou seu primeiro disco, *Admirável Chip Novo*, seguido por *Anacrônico*, álbum que a transformou definitivamente num dos maiores nomes do rock brasileiro da década 00.

CRÉDITOS ORIGINAIS

ANACRÔNICO - PITY

Design João Augusto

Lançado em 2005

Selo: Deckdisc

Produzido por Rafael Ramos

Para mais informações sobre a cantora, visite:

www.pitty.com.br

SOBRE A AUTORA

Carla Mendes tem dezenove anos e cursa faculdade de Química na ULBRA, em Itumbiara, Goiás. Gosta muito de ler e escrever poemas, mas tem interesse por filosofia. Escreveu duas músicas, nada formais, as quais toca com seus amigos. Atualmente trabalha como estagiária em um projeto social, produzindo sabão feito de óleo residencial que seria descartado no meio ambiente.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

42 ANACRÔNICO

PITTY

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. A SAIDEIRA
2. ANACRÔNICO
3. DE VOCÊ
4. MEMÓRIAS
5. DÉJÀ VU
6. AAHHH...!
7. IGNORIN'U
8. BRINQUEDO TORTO
9. NA SUA ESTANTE
10. NO ESCURO
11. QUEM VAI QUEIMAR?
12. GUERREIROS SÃO GUERREIROS
13. QUERER DEPOIS

